

ECOANDO VOZES INVISÍVEIS: A IMPORTÂNCIA DO LOCAL DE FALA DAS MULHERES NEGRAS A PARTIR DE UMA ANÁLISE FÍLMICA

Franciely Alves Sales¹, Karina de Oliveira Bandeira¹, Rayanne Bertelli Cuzzuo¹, Tatyana Lellis da Matta e Silva².

1. Acadêmica de Psicologia na Faculdade Brasileira – Multivix – Vitória.
2. Advogada e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo.

RESUMO:

Partindo do conceito de instituição, que é uma estrutura ideológica que tem a finalidade de designar condutas de ações de um sujeito na sociedade, apresentando o que os indivíduos podem ou não efetivar dentro de um determinado contexto, produzindo as subjetividades destes. O presente artigo pretende ressaltar os movimentos ocorridos nas instituições, demonstrando como a mulher Negra encontra-se excluída no desenvolvimento de aquisição de direitos igualitários. Nesse âmbito, traz-se a discussão da instituição patriarcado e a violência simbólica cometida por esta, bem como feminismo negro e seu local de fala. Para tanto, utilizou-se a obra cinematográfica baseada em fatos reais, *Estrelas além do tempo* (2016), no intuito de abarcar as transformações ocasionadas por meio das forças subversivas, ou seja, as forças instituintes presentes nas instituições atravessadas pelos os sujeitos.

Palavras-chave: Instituição; Patriarcado; Mulher Negra; Local de fala.

ABSTRACT:

Starting from the concept of institution, which is an ideological structure that has the purpose of designating conducts of actions of an individual in society, showing that humans can or can not effect in determinated context, producing subjectivities like that. The present article pretend to highlight the moviments that happens in institutions, demonstrating how Black Women are excluded from developments of achieving rights with justice, and so equality. In this context, we bring the discussion of institution Patriachy and the symbolic violence in between, like black feminism and speaking place. However, it was used the cinematographic production, *Hidden Figures* (2016), based in real facts, with the purpose of embrace the transformations occasioned through the subversive forces, or, the instituted forces that are in intitutions crossed through society.

Key-words: Institution; Patriarchy; Black woman; Speaking place.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho foca-se nos atravessamentos de instituições diante da mulher Negra, ressaltando as forças instituídas e instituintes presente nelas, apresentando as transformações ocorridas na vida dessas mulheres a partir do filme baseado em fatos reais, sendo a tradução oficial da obra fílmica no Brasil chamado “Estrelas além do tempo”, tendo o título original *Hidden Figures* e com a tradução livre *Figuras Escondidas*. Dessa forma, destaca-se como a mulher é silenciada e invisibilizada em diversos contextos da sua vida, evidenciando a importância de seu local de fala, não somente na sociedade, mas também no seu local de trabalho e em todos os âmbitos que ela está inserida.

Para se aprofundar na temática discutida, aborda-se a concepção de instituição, patriarcado e a violência simbólica, feminismo negro e local de fala da mulher Negra. Para dialogar com esses descritores citados a fim de ter uma discussão mais efetiva, utilizou-se os seguintes autores: René Lourau (1933 - 2000), Gregorio Barenblitt (1936 -), Pierre Bourdieu (1930 - 2002), Angela Davis (1944 -), Djamila Ribeiro (1980 -), dentre outros.

Para fins deste trabalho, entendem-se as instituições como sistemas de convicções que têm o intuito de estabelecer modos de ações do sujeito na sociedade, demonstrando o que pode ser feito ou não dentro de um determinado contexto que este está inserido, sendo processos de contradições que se estabelecem durante a sua trajetória histórica (BAREMBLITT, 2002). Nesse modo, o patriarcado é pensado como uma instituição que expressa a desigualdade entre os gêneros (MILLET, 1969), tendo uma supervalorização da hierarquização, agindo de forma opressiva e violenta para com as mulheres (PORTELLA; RATTON, 2015; OPPEN, 2016).

Beauvoir (1970) afirma que o patriarcado, desde os primórdios, posiciona a mulher em uma situação de controle, sendo os homens detentores de seus corpos e de suas vontades. Diante disso, Bourdieu (2012) reitera que o cenário que se estabeleceu durante a história, baseado na soberania masculina, faz reverberar pensamentos reacionários e moldados, tornando toda situação naturalizada, revelando uma volumosa fragmentação do gênero. E o homem, para continuar nessa relação possuidora do poder e do domínio, utilizará de dispositivos de violência simbólica para se prevalecer.

A naturalização das ações de domínio e subordinação diz muito sobre os modelos representados dentro de um contexto social. Saffioti (2004) afirma que a sociedade negligencia as mulheres no que diz respeito ao poder e ao processo intelectual, sendo

instruídas a manter-se em situação de submissão. Beauvoir (1970) afirma que para a mulher se libertar, necessita usar seu corpo como dispositivo.

A atuação de mulheres Negras em cargos importantes, na posição de poder, traz certos incômodos à grande sociedade, por ser usualmente ocupados por homens brancos, como demonstrado no filme que este artigo se propõe a analisar. Faz-se necessário destacar a autenticidade que os movimentos de forças instituintes se tornando instituídas têm, em que revoluciona os modos determinados que padronize a mulher em geral, com ênfase na mulher Negra, como um ser que deve se resignar ao homem (RIBEIRO, 2018).

Quanto ao entendimento às épocas históricas atravessadas pelas mulheres Negras na construção da sua identidade, compreende-se que com o decorrer do tempo essa identidade fosse construída culturalmente relacionada ao corpo e não ao intelectual, obtendo um contexto racista e sexista. Isso faz com que as negras intelectuais sejam percebidas como intrusas em um grupo de pessoas com estreita mentalidade (HOOKS apud RIBEIRO, 2017).

Para aprofundar-se ainda mais no tema proposto, realizou-se uma busca ampliada de materiais, como livros e artigos científicos. Após uma prévia análise metódica do material, selecionou-se o escopo, priorizando-se quais os melhores se relacionam e se dialogam com os descritores indicados como palavra-chave, sendo estes: Instituição, Patriarcado, Mulher Negra e Local de fala. Para isso, utilizou-se a pesquisa básica e exploratória. Para o campo de análise, usou-se uma obra cinematográfica a fim de coletar os dados qualitativos significativos, proporcionando, juntamente com os materiais revisados, a discussão do presente artigo.

O filme "Estrelas além do tempo" é uma obra de 2016, que relata a vida de três mulheres Negras, sendo elas a matemática Katherine Johnson (Taraji P. Henson), a programadora Dorothy Vaughan (Octavia Spencer) e a engenheira Mary Jackson (Janelle Monáe). Mesmo atuando em cargos distintos dentro da NASA (Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço), elas tinham semelhanças que se encontravam no objetivo de ter voz e autonomia no seu ambiente familiar, social e profissional, sem a confirmação perante a um homem branco ou mulher branca. Retrata a repressão sofrida ao decorrer das mudanças e a importância do Chefe Superior (branco), Al Harrison (Kevin Costner), de valorizar o trabalho do indivíduo, sem nomear as pessoas a partir de sua cor, classe ou gênero.

Para compreender os movimentos de transformações que fez com que a mulher Negra tivesse voz, Ribeiro (2018) ressalta a importância de falar do feminismo negro a fim de

identificar as causas de um público específico, pois diversas vezes as mulheres Negras são silenciadas não apenas por homens, mas também por mulheres brancas. Dessa forma, esse artigo visa elucidar por meio do dispositivo de obra fílmica, baseado em fatos reais, a compreender como as forças instituintes e a resistência diante do patriarcado possibilitam novas concepções ao se pensar na mulher Negra.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O presente artigo foi desenvolvido em pesquisa de natureza básica, qualitativa e exploratória quanto à análise do levantamento de dados, agregando informações do tema proposto sobre o lugar da mulher Negra na sociedade e o seu local de fala na ocupação profissional, e como a mídia transfere essa visibilidade e importância das três mulheres pioneiras no crescimento da NASA, conforme demonstrado no filme “Estrela Além do tempo”. Caracterizando fenômenos que passarem pela leitura e interpretação dos textos com um estudo qualitativo (GIL, 2008).

De acordo com Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é construída com materiais já antecedentes encontrados em monografias, livros e teses. Lakatos e Marconi (2003) afirmam a relação do tema estudado com a multiplicidade de bibliografias encontradas em sites acadêmicos, revistas científicas, pesquisas, monografias e teses, resultando em um contato direto do pesquisador com o que já foi dito, escrito e registrado. Para isso, foi utilizado um total de 31 (trinta e um) documentos, tratando-se de 22 (vinte e dois) livros e 09 (nove) artigos. O período de documentos coletados foi de cinco anos, podendo conter alguns de anos anteriores.

No que diz respeito à pesquisa qualitativa, Gil (2008) define que são procedimentos analíticos, como pesquisa-ação, estudo de caso, pesquisa de participante e estudo de campo. Para a produção deste artigo, foi realizada pesquisa, incluindo consultas em fontes eletrônicas, tais como, PEPSIC, SCIELO, Google Acadêmico por artigos científicos, livros, teses e dissertações pré-existentes utilizando palavras chaves como: Instituição, Patriarcado, Mulher Negra e Local de fala, bem como o filme “Estrelas Além do tempo” como forma de documento qualitativo.

Para o referencial teórico, abordamos a Psicologia Institucional, considerando que para que se possa alcançar o maior conhecimento a respeito do local de fala da mulher Negra e como a mesma foi e é representada na sociedade, e no filme baseado em fatos reais, compreendendo a real contribuição das mulheres Negras na evolução tecnológica da NASA

em 1960, além de retratar os movimentos institucionais, como os instituídos e instituintes. Tal obra é uma produção fílmica do ano de 2016, dirigido por Theodore Melfi, produzido por Donna Digliotti, Kevin Halloran e outros, e roteirizado por Allison Schroeder e Margot Lee Shatterly.

A pesquisa busca agregar conhecimento a partir dos levantamentos de dados e despertar o interesse aos graduandos em psicologia, para que busquem essa multiplicidade de conhecimento e entendimento do lugar da mulher Negra não só na mídia, mas em todos os locais. Com isso, Gil (2008) afirma que a análise de conteúdo passa a ser desenvolvida após uma ampla pesquisa de conteúdo e teorias, proporcionando, assim, uma dimensão de elementos, tendo o objetivo de organizar tais elementos. Lakatos e Marconi (2003) afirmam que a análise de conteúdo tem como definição a organização e determinação do conteúdo que será dialogado.

3. AS INSTITUIÇÕES E SEUS MOVIMENTOS INSTITUINTES COMO DISPARADORES DE TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

No movimento institucionalista, a história e a sociedade têm uma noção própria, sendo a história o devir da sociedade no tempo, e a sociedade a forma organizada de associação humana, assim, a sociedade torna-se um tecido de instituições (BAREMBLITT, 2002). O institucionalismo tem o intuito de buscar uma logicidade da diferença, tendo em vista o desencadeamento de interrupções subjetivas e objetivas de modos enrijecidos de práticas institucionais (FOUCAULT, 1989). Contudo, a concepção de instituição passou por diversas transformações, aparecendo em três momentos até se consolidar (LOURAU, 2004a).

No primeiro momento, a instituição era compreendida como um estabelecimento que precisava ser terapeutizado, sendo considerada um espaço físico. No segundo momento, significava um dispositivo, uma técnica que era trabalhada dentro de espaços – estabelecimentos – em grupos operativos ou rodas de conversas. O terceiro momento, sendo esse o conceito de instituição utilizado nos exercícios atuais institucionalistas, esta é concebida como práticas sociais que se reproduzem, uma repetição sem reflexão que apresentam características naturalizantes e, assim, se validam. A instituição torna-se, portanto, apresentada como algo não localizável e problemático (RODRIGUES; SOUZA, 1991; LOURAU, 2004a).

Baremblytt (2002) afirma que as instituições são estruturas lógicas que regulam a atividade humana e que elucidam o que está prescrito, ou seja, o que deve ser feito ou seguido, bem

como o que está proscrito, o que não deve ser feito ou seguido, apresentando também o que é irrelevante dentro dessa logicidade. Apreendendo a instituição como algo lógico, Lourau (1993) advoga que a instituição é uma dinâmica paradoxal que se constrói no tempo, sendo algo não observável. Diante disso, as formas estabelecidas para as mulheres e os homens agirem dentro da sociedade são exemplos de instituições.

Há, dessa forma, uma complexidade em saber a origem de uma instituição, pelo fato da humanidade ser formada por elas. É perceptível que há um movimento nelas que as modificam com o passar da história. A força que resulta nas transformações institucionais e que, igualmente, constituem novos instituídos, ou seja, novas formas de ações são denominadas como instituinte (BAREMBLITT, 2002).

As forças instituintes são, de acordo com Baremlitt (2002) e Lourau (2004b), forças produtivas ideológicas institucionais que resultam em um movimento dinâmico, que vem para subverter, transformar, contestar e demonstra a aptidão para a inovação e um exemplo de instituinte seria as mulheres subvertendo seus modos de expressão. Por sua vez, o movimento instituinte gera um produto, o que fica e que se determina como fixo, é nomeado de instituído.

O instituído é considerado a consequência do movimento instituinte, são os valores, o estabelecimento da ordem, da norma, da tradição, do rígido e conservador (BAREMBLITT, 2002). Portanto, tudo que se instaura como novo, advindo da força instituinte, torna-se instituído, de modo que fique um ciclo de instituinte resultando-se no instituído, isso ocorre constantemente nas instituições. Soihet (2000) afirma que houve uma época que as formas de condutas das mulheres eram controladas e disciplinadas pelo código penal, pelo complexo judiciário e até mesmo pela ação policial. Porém, isso não é visto na atualidade, apesar de ainda permear seus reflexos. Dessa forma, nota-se como os movimentos ocasionaram transformações nesse âmbito.

Baremlitt (2002) e Lourau (2004b) ressaltam o cuidado que é preciso ser tomado quando se refere ao instituinte e instituído, pois muitas vezes existe um olhar maniqueísta de bom ou ruim, no sentido do instituinte ser bom, e o instituído, ruim. Na efetividade desses movimentos de transformações ocasionadas pelo instituintes, muitas vezes é visto como algo criativo e revolucionário, porém nem sempre o diferente traz bons resultados em uma instituição. Da mesma forma, o estático e conservador do instituído pode ser algo benéfico aos sujeitos que são atravessados pelas diversas instituições.

As instituições não são apenas as normas e objetos que são visíveis na extensão das

relações sociais, elas escondem uma face que a todo momento encontra-se a serviço dos modelos históricos de dominação, de exploração e mistificação que estão na sociedade, tornando-se impercebíveis ou sendo expostas de forma disfarçada e deformada devido à mistificação. Torna-se possível demonstrar, assim, a alienação e a naturalização das instituições de modo a esquecer das suas origens históricas, fixando-se sem uma reflexão (BEREMBLITT, 2002; LOURAU, 2004a).

Lourau (1993) destaca o fato de as pessoas, dentro de uma sociedade, funcionarem por meio de uma heterogestão, ou seja, serem gerenciadas por outras; muitas coisas que foram instituídas são vistas como algo naturalizado. Como, por exemplo, a forma naturalizante que ocorre com as mulheres, onde é dito que sejam submissas aos homens, não sendo pertencente de suas escolhas. Assim, observa-se a construção a partir dessas e de outras características a formação das classes dominantes e dominadas.

Dessa forma, as forças instituintes que há em uma instituição possibilita o movimento, subvertendo antigos instituídos e trazendo novas concepções de ações. Assim, os modos de condutas determinadas dentro da instituição mulher e patriarcado sempre estão em transformação (SOIHET, 2000). O filme “Estrelas além do tempo” retrata de forma bem esclarecedora as locomoções das forças instituídas e instituintes, bem como as resistências de ambas, objetivando a força instituída manter-se em sua existência estabelecida e a instituinte tendo o intuito constante de tornar-se vigente na instituição, substituindo e efetivando-se como o novo instituído.

4. A MULHER PERANTE A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA EXERCIDA PELO PATRIARCADO

Em relação à definição sobre as instituições, Lourau (1993) considera como uma dinâmica paradoxal construída no tempo, sendo algo não observável e sim algo lógico. Por sua vez, Baremblytt (2002) afirma que são estruturas lógicas a fim de regular os modos de ações humanos, demonstrando o que pode ser efetivado ou não dentro do contexto, bem como o que é irrelevante dentro dessa logicidade.

Mediante a isso, aprofundando-se na instituição patriarcado, Millet (1969) afirma que esta pode ser compreendida como uma instituição social, ou seja, uma estrutura social e também política, onde seu surgimento vai para além de sua natureza, como ocorre nas demais instituições. Caracterizando-se na manifestação de opressão e inferiorização feminina em diversos contextos, advinda da dominação masculina dentro das sociedades contemporâneas em distintas instituições, como: sociais, econômicas, políticas ou familiar.

Nesse contexto, apresenta-se a desigualdade das mulheres no que diz respeito às relações de trabalho, de maneira que estas sejam lançadas na vida doméstica, resultando na exploração dentro e fora do ambiente familiar, de forma que se naturalize e reproduza as ações de dominação-exploração dos homens (SAFFIOTI, 1992; BIROLI; MILGUEL, 2015). A lei dominante, em questão a supremacia masculina, ameaça colocar a mulher em risco devido a não representatividade feminina (BUTLER, 2003) e pelas formas de dominação impostas que, quando não são obedecidas, as tornam alvo de perseguição (BEAUVOIR, 1970).

A relação de dominação-exploração do patriarcado não se resume a uma aniquilação da personagem que se ilustra no núcleo de dominada-explorada, e sim se engloba de modo característico na necessidade de preservação da figura subordinada (SAFFIOTI, 1992). Na exploração patriarcal, as mulheres são exploradas em qualquer local, principalmente no âmbito familiar, como, nas tarefas domésticas, criação dos filhos e, também, na exploração sexual, podendo ser comparável à servidão (DELPHY, 2015).

A exploração é um processo de desapropriação dos meios, das forças e resultados do procedimento produtivos de toda a natureza, sendo efetivadas pelas instâncias dominantes sobre os produtores dominados, tornando-se reforçada e possível por meio dos mecanismos de dominação e mistificação, ou seja, a mentira e a enganação. (BAREMBLITT, 2002). Assim, as formas de opressões pelo patriarcado são naturalizadas e, muitas vezes, não questionadas (BOURDIEU, 2012). Desse modo, o filme “Estrelas além do tempo” demonstra como as mulheres são exploradas no seu âmbito de trabalho, onde muitas das vezes suas ações não são reconhecidas como as dos homens, mesmo exercendo papéis iguais profissionalmente. Sendo assim, elas são reduzidas e desconsideradas constantemente, de forma que evidencie as violações dos seus direitos.

Por conseguinte, Bourdieu (1996, 1997) enfatiza que a dominação não é uma consequência clara e simples praticada por um conjunto de agentes – no caso a classe dominante – que se utiliza de formas de poderes coercitivos, mas sim de uma consequência de um contexto complexo de atos que se constituem na estrutura do campo pelo qual se exerce a dominação frente aos outros. Dessa forma, a dominação não ocorre de maneira explícita, e sim disfarçada, de modo que as pessoas dominadas podem não perceber a situação que se encontram, pois é demonstrada a partir de uma violência simbólica dissimulada que mascara toda a situação.

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, faz esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto (BOURDIEU, 2012).

Bourdieu (2012) afirma que a violência simbólica é caracterizada por uma relação de submissão implícita, que é praticada por força ou por consenso, de modo que a pessoa que é dominada não reconheça as formas coercitivas de poder. Portanto, nota-se que a violência simbólica opera de maneira naturalizada, demonstrando a interiorização das concepções de opressão como algo imprescindível, e desconsidera a mulher por ela ser classificada como inferior. Percebe-se, então, que o enaltecimento do poder masculino sobre o feminino que se faz vigente nas ações atribui-se a uma valoração e relevância distinta nas questões biológicas entre mulheres e homens, que contribuiu para inferioridade social atribuída ao ser mulher (MILLET, 1969).

Por sua vez, nota-se que o patriarcado é percebido de modo que faz emergir um sistema de poder masculino, não sendo apenas a explicação da realidade desigual entre mulheres e homens no âmbito social, mas também declara uma divergência antagônica na estrutura social, na qual é concebida a divisão entre os gêneros de forma hierarquizada que se constitui em contextos distintos da vida social. Com isso, o componente que hierarquiza e fragmenta a sociedade em dois nas questões de gênero utiliza, por meio dos mecanismos de dominação, violência e subordinação das mulheres perante aos homens, e é baseada numa relação de poder hegemônico patriarcal (PORTELLA; RATTON, 2015; OPPEN, 2016).

Portanto, o patriarcado é compreendido como um esquema que se reproduz através das instituições e relações sociais, não se fixando ou se especificando a um contexto único (SAFFIOTI, 2004). Diante disso, Gomes (2018) afirma que o patriarcado institui condutas de vidas que apresentam suas marcas nos corpos de um sujeito, pela sua forma naturalizada de convívio social dominante, exercido por meio de processos que degradam e desintegram socialmente o sujeito, no caso a mulher.

5. REAÇÕES À INSTITUIÇÃO PATRIARCADO: A QUESTÃO DO FEMINISMO NEGRO

O filme “Estrelas além do tempo” traz de forma muito explícita questões que envolvem gênero e etnia. Quando se trata de mulher Negra com relação à instituição patriarcado, é importante deixar claro que o feminismo global e generalizante não é suficiente para alcançar as demandas e pautas desse público. Assim, a obra demonstra como a mulher Negra precisa reivindicar não somente questões de gênero, mas também assuntos raciais.

O feminismo torna-se a busca pela desconstrução das ideias impostas pelo patriarcado, que estão enraizadas na cultura atual em todos os locais e instituições. Visando, assim, um movimento de emancipação feminina e de igualdade em ambos dos sexos. Entende-se em um movimento do qual o feminismo crie voz e para além da igualdade, mas também de equidade, no qual proporcione o que é de direito de cada gênero e classe, a fim de resultar, então, uma igualdade de forma precisa e efetiva (TIBURI, 2018).

No que diz respeito ao feminismo de forma detalhada, Davis (2016), em sua obra intitulada “Mulheres, Raças e Classes”, afirma que o feminismo nem sempre se mostra totalmente inclusivo, denunciando, então, o racismo presente no movimento, além de fazer outros recortes como de classe e de gênero numa época em que o termo interseccionalidade ainda não era discutido. Por conseguinte, percebe-se que as mulheres Negras ocupam um lugar invisível diante do movimento feminista, e que suas questões nem chegam a ser elencadas (RIBEIRO, 2016).

Entretanto, o termo interseccionalidade, de acordo com Stevens *et al.* (2017), coloca em análise a grande diversidade de identidades e experiências em que as mulheres articulam o sexo e gênero com outros eixos identitários, como por exemplo, raça, etnia, classe, sexualidade, territorialidade e diversos outros pilares que estão presentes nos discursos e práticas sociais, mas que também sustentam desigualdades e exclusões, fenômenos que atingem as mulheres na sociedade, principalmente as mulheres Negras.

Apesar do pensamento de um único e imenso movimento feminista se pareça, a princípio, uma boa ideia, o plano feminista que tem por finalidade o empoderamento feminino, buscando alcançar a igualdade entre homens e mulheres como ciência e movimento político. A diversidade de premissas de classe, orientação sexual, raça, entre outros grupos constituídos por mulheres, ocasionaram desconfortos dentro do respectivo feminismo, promovendo uma linguagem plural, que rompe com as limitações da ideia restrigente de

uma única mulher, como se existisse uma mulher universal, cujas propostas serviriam para todas as mulheres, isolando assim a identidade de cada sujeito (PIMENTEL, 2017).

Com isso, dentre as várias faces do feminismo, Pimentel (2017) afirma que o feminismo negro tem como objetivo primordial levantar questões e analisar omissões dessa ideia de um feminismo global, um feminismo generalizante, reivindicando atenção a todos os aspectos, como: sociais, raciais e outros, bem como determinante de qualquer projeto emancipatório das mulheres.

A fim de datar o ganho de potência do feminismo Negro, Ribeiro (2018) afirma que o mesmo ocupou espaço durante a segunda onda do feminismo, entre a década de 1960 e 1980, como parte do período da fundação da *National Black Feminist*, nos Estados Unidos, ocorrido em 1973, e pelo motivo de as feministas Negras movimentaram-se escrevendo sobre o tema, originando e evidenciando a visão do feminismo Negro. Desse modo, o feminismo Negro não se torna uma luta unicamente sobre identidade, mas sim de pensamentos em projetos democráticos, pelo fato de compreender a masculinidade¹ e a branquitude² como forma de analogia.

A reprodução social que a mulher Negra faz de si torna-se um elemento determinante para sua dependência às convivências abusivas, tanto as violências no mercado de trabalho, bem como outras transgressões dos direitos humanos. Entende-se que essa concepção social não se compôs repentinamente de um dia para o outro, e sim como efeito de uma história de escravidão e objetivação dessa mulher Negra (BERNADINO; SILVA, 2017).

Ribeiro (2018) reitera que mulheres Negras atuando em cargos significativos, que usualmente são designados aos homens brancos, traz certos incômodos à grande sociedade. Diante disso, é importante elencar a relevância que forças instituintes têm para as transformações desses pensamentos reacionários que há referente a mulher Negra, no intuito de subverter os modos estabelecidos e naturalizados, além de compreendê-la como um sujeito com enfrentamentos e posicionamentos diferentes das mulheres brancas.

Desse modo, os avanços na década de 1970 relacionados ao feminismo negro, como as avaliações às isenções produzidas pela confirmação de um indivíduo coletivo de combate supostamente indefinido, consideradas mulheres, tem o intuito indagar as reflexões que hoje

¹ Entendida como um conjunto de ações e ideias criadas erroneamente pela cultura do qual necessita de estudos, para que determinados grupos visibilize o ser homem em uma sociedade em movimento, iniciando em uma visão de sujeito sobre a mulher (RIBEIRO, 2018).

² A branquitude vista como forma de analogia vem a ser por certos grupos a compreensão de que só por ocuparem espaços mais renomeados no mundo, sejam considerados como geniais. Resultando assim, uma metáfora do poder da pessoa branca, um lugar de privilégios (RIBEIRO, 2018).

são inevitáveis para as teorias feministas, abordando a ponderação conjunta do gênero, da classe e do ganho concebido referente à raça, organizando novos paradigmas para uma formação de conhecimento sobre o posicionamento da mulher no mundo social (BIROLI; MIGUEL, 2015).

Compreende-se, a partir disso, a não existência de um encontro intuitivo entre a relevância para a raça e para a classe, ocasionando o deslocar da visão de uma mulher universal, trazendo e evidenciando a origem popular das feministas Negras, além de modificar os debates das perspectivas generalistas apresentadas às mulheres, fundamentando-as na vivência e na posição relacional de cada mulher ou grupo em que está inserida (BIROLI; MIGUEL, 2015).

6. A MULHER NEGRA E O SEU LOCAL DE FALA

Em relação ao lugar de fala do indivíduo, mais propriamente a mulher Negra, Ribeiro (2017) ressalva a quebra do paradigma sobre aquelas que foram egressas da visibilidade de um sistema estruturado, a fim de destacar a contestação da equidade epistemológica, buscando uma discussão sobre a manutenção do poder, conforme retratado no filme “Estrelas Além do Tempo”, a construção do papel da mulher Negra é estruturada e definida a partir de um homem branco.

Entende-se a visibilidade da mulher como algo contrário do ser homem, deixando de pensar na mulher baseando-se em si e na sua subjetividade, onde define a mulher como outra parte oposta do homem, este sendo o homem branco. Quando se fala e se pensa em mulher Negra, a mesma passa a ser denominada como o outro do outro, nesse discurso de gênero relaciona-se o homem branco sendo o aposto à mulher branca como parte do outro, por sua vez, a mulher Negra é vista como parte do outro do outro, ou seja, do homem branco e também da mulher branca (RIBEIRO, 2017).

Ribeiro (2017) afirma que com a ideia de a mulher Negra ser considerada, nesse contexto, como a outra parte do outro, a mesma passa a exercer um lugar vago, em um local que ultrapassa as limitações do gênero e da raça, que pode ser denominada e situada em um terceiro lugar, compreendida como uma lacuna em um mundo que designa a existência de um lado de mulheres e outro de Negros. Com isso, faz-se entender algumas atitudes executadas pelos colegas de trabalho com as três mulheres Negras consideradas como pioneiras da tecnologia na NASA retratado no filme.

As formas que se pensam em mulheres Negras atravessaram épocas históricas, fazendo com que fossem concebidas culturalmente a partir de seus aspectos corporais e não aos intelectuais, evidenciando um viés sexista e racista, esse olhar faz com que estas sejam produzidas como intrusas ao meio científico e intelectual (HOOKS apud RIBEIRO, 2017). Ribeiro (2017) ressalva o posicionamento profissional, no qual as mulheres Negras são notadas como produtoras intelectuais de relevância, e que durante o decorrer histórico essa identidade produtiva tem sido construída e debatida em suas manifestações de representações. Possibilitando a eliminação e a excedência da anuência masculina, branca e heteronormativa, e, por fim, classificando cada qual em seu determinado local de fala.

As satisfações das relações sociais e culturais do ser humano encontram-se estabelecida pelas suas necessidades intelectuais, afetivas, biológicas, estéticas e culturais. Portanto, as condutas e vínculos estabelecidos na produção da socialização, educação e rejeição de classes ou grupos são determinados pelo ambiente e período vivenciado pelo mesmo (FRIGOTTO, 2008). Conforme Bruschini e Puppini (2004), em 1998, a inserção do trabalho feminino rodeava a uns 36%, incluindo trabalhos domésticos, locais precários, atividades para seu próprio consumo ou do grupo familiar, e muitas das vezes atividades não remuneradas. No contexto doméstico, a classe feminina ocupava cerca de 90%, e no âmbito de trabalho com remuneração, as mulheres encontravam-se em longas jornadas e nos cargos menos desejáveis pelo sexo masculino, mais da metade sem carteiras assinadas e com uma diferença salarial consideravelmente visível.

Compreendendo que as mulheres sofrem a diminuição pela representação masculina, é necessária também a percepção de que as mulheres Negras se encontram em situações em que determinado momento para serem ouvidas, ou simplesmente as tornam invisíveis, sendo preciso constantemente que mulheres brancas as façam ter vozes. Davis (2016), em sua obra, afirma que durante o enfrentamento ao racismo e estupro, as mulheres brancas foram muito importantes apoiando campanhas e petições das mulheres Negras, sendo muitas vezes hostilizadas por estarem a favor dos combates contra as injustiças cometidas.

Diante disso, Fanon (2008) reitera a questão de que uma pessoa Negra sempre precisa confirmar-se diante de uma pessoa branca para que seja reconhecida por algo. Com isso, a partir da dependência do reconhecimento desse outro que nota seu valor e proporciona sentido as suas ações. Dessa forma, é preciso adentrar-se que a mulher Negra, além de ter que lutar pelas pautas de igualdade de gênero, ainda precisa estar engajada nos enfrentamentos diários da segregação racial.

7. TORNANDO-SE VISÍVEL A PARTIR DAS TRANSFORMAÇÕES INSTITUCIONAIS

Cotidianamente o sujeito é atravessado por instituições que produzem subjetividades de forma naturalizada, isto é, estas estabelecem as formas de uma pessoa se portar diante de diversas ações da vida. Com isso, vê-se a instituição mulher, no qual faz com que mulheres ajam de uma maneira específica, igualmente percebe-se a instituição patriarcado que afeta homens e mulheres de forma paradoxal (SAFFIOTI, 2004). No filme “Estrelas Além do Tempo” são retratadas com muito detalhe como as instituições afetam as pessoas na década de 1960.

“Estrelas Além do Tempo”, com o título original *Hidden Figures (Figuras Escondidas)*, é uma produção cinematográfica de 2016, baseada em fatos reais, dirigido por Theodore Melfi e roteirizado por Alisson Schroeder e Margot Lee Schetterly. Na trama, é mostrada a disputa espacial entre os Estados Unidos e União Soviética na década de 1960, em plena Guerra Fria. Durante o enredo, apresenta-se como que foi o processo da corrida espacial e quem foram as (os) responsáveis para a ascensão da NASA. Nesse sentido, destacam-se três mulheres Negras que são amigas, sendo elas: a matemática Katherine Johnson (Taraji P. Henson), a programadora Dorothy Vaughan (Octavia Spencer) e a engenheira Mary Jackson (Janelle Monáe). A obra expõe como eram tratadas as questões da segregação racial e o sexismo naquela época.

Compreende-se que a instituição é um sistema que estabelece formas de um sujeito agir dentro de um contexto social (BAREMBLITT, 2002). O filme demonstra isso de diferentes formas com os personagens, dando grande ênfase na hegemonia da instituição patriarcal naquela época. O mesmo inicia com uma cena onde as três amigas encontra-se no percurso ao trabalho, quando de repente o veículo apresenta um problema automotivo, Johnson, Vaughan e Jackson ficam paradas na estrada a fim de consertar o carro. Minutos depois, uma delas avista uma viatura policial e, imediatamente, Johnson e Vaughan pede a Jackson para ter cuidado com as palavras que serão ditas a fim de evitar uma situação constrangedora perante o policial (branco).

O primeiro comportamento do agente (branco) perante as três foi solicitar os documentos e questionar o motivo da parada na estrada, quando o mesmo as indagou sobre o trabalho, foi informado sobre a execução de atividades na NASA, modificando assim toda a sua conduta para com elas e acompanhando-as com a guarnição até ao local de trabalho. Importante ressaltar que Vaughan solucionou o problema do carro, algo que o policial (branco) pensou

que ela não conseguiria. Diante disso, observa-se as forças instituídas da instituição patriarcal operando quando pensam que uma mulher é incapaz de solucionar um problema automotivo. Millet (1969) e Bourdieu (2012) trazem a questão da soberania masculina e como a mulher é vista de forma inferior ao homem.

Durante todo o filme, nota-se como as forças instituintes se impulsionam para tornar-se um novo instituído, ou seja, subverter os modos antigos e estáticos para possibilitar novos agir (BAREMBLITT, 2002; LOURAU, 2004b). Com movimento da instituição, percebe-se o momento no qual a Johnson vai trabalhar no setor de contabilidade, e a mesma encontra-se defasada de banheiros para negros, pois naquela época havia uma cultura muito forte da segregação racial. O Chefe Superior (branco) responsável do setor, Al Harrison, interpretado por Kevin Costner, a questiona sobre o sumiço em alguns períodos do dia, e Johnson justifica ter que ir ao outro bloco por não possuir banheiro para negros naquele local, precisando andar na chuva ou no sol por 800 metros. A partir dessa cena, ocorre o que denominamos por primeiro grande movimento instituinte.

O primeiro grande movimento instituinte ocorre a partir do momento que o Al Harrison reconhece o trabalho bem desenvolvido pela Johnson, disparando meios e dispositivos que impossibilitam a mesma de perder tempo ao decorrer do dia. Com isso, Harrison faz com que o instituinte se emerja, estabelecendo-o como o novo instituído, e, assim, retira o adesivo da garrafa de café que diferenciava e identificava que era para pessoas Negras, além de quebrar todas as placas de banheiros que também segregavam o negro do branco, partindo do seguinte analisador na fala: “aqui na NASA todos tem a urina da mesma cor” (ESTRELAS ALÉM DO TEMPO, 2016).

Outros dois marcos importantes de movimento das forças instituintes tornando-se instituídas diz respeito ao local da mulher em ambientes onde somente poderiam homens trabalhar. Assim, surge o segundo momento de transformação que é referente à Jackson, que não a oportunizava ocupar o cargo disponível de engenheira por ser mulher. Mesmo assim ela insiste, porém, a supervisora (branca) Mitchell, interpretada por Kirsten Dunst, informa que ela não tem os requisitos necessários, pois as regras haviam mudado e seria necessário que realizasse outro curso para se capacitar, sendo o de engenharia, curso esse que somente era ofertado em uma escola para pessoas brancas.

Dessa forma, nota-se a força instituída lutando para manter-se estática e imóvel, impossibilitando a transformação. Uma fala muito pertinente da Jackson para com Mitchell é disparada como analisador: “sempre que temos a chance de avançar, movem a linha de chegada” (ESTRELAS ALÉM DO TEMPO, 2016). Contudo, Jackson insiste com a força

instituinte e ingressa em juízo com uma petição para estudar no colégio de pessoas brancas, conseguindo, então, ser a primeira e única pessoa e mulher negra a estudar naquela escola.

O terceiro movimento das instituições é quando Johnson consegue entrar em uma sala de reunião confidencial, que somente homens estavam presentes, sendo que os assuntos tratados eram acerca dos cálculos e descobrimentos lógicos feitos por ela. Houve muita resistência do Engenheiro Principal (branco), Stafford, interpretado por Jim Parsons, para inseri-la no processo, mas com muita persistência dela para com o Harrison, que se encontrava acima do Stafford, possibilitou a sua participação do processo estratégico disparador da cápsula ao espaço sideral, fazendo com que ao analisar e explicar posições de lançamento e pouso ela ganhasse a confiança do astronauta, que só aceitou ser lançado depois de ouvir a confirmação dela da revisão dos cálculos de lançamento e pouso.

Percebe-se nesses três grandes movimentos das instituições, onde o instituinte torna-se instituído, a importância de evidenciar como a instituição patriarcal estabelece suas normas de forma naturalizada, agindo de forma exploradora e violenta, de modo a realizar a opressão e a dominação para com as mulheres (MILLET, 1969; SAFFIOTI, 1992, 2004; BIROLI; MIGUEL, 2015), fazendo com que a noção do local de fala da mulher Negra se encontre muitas vezes perdido e invisibilizado, necessitando do feminismo Negro para dar voz às mulheres Negras.

Apreendendo que a instituição patriarcal desenvolve diversas formas de controle de condutas, percebe-se nitidamente no filme a exploração do trabalho da mulher, visto que Johnson realizava cálculos complexos e, apesar de toda sua capacidade e sendo considerada como calculadora humana, é diversas vezes desconsiderada, excluída do processo e usada pela sua mão de obra. É muito explícito que depois de conseguirem o que queriam, em relação ao lançamento da cápsula, retornam com ela para sua antiga função. Ou seja, mesmo sendo uma das principais responsáveis por fazer a cápsula ir ao espaço e pousar de forma exata e segura nas suas coordenadas de localização, não foi reconhecida pelo trabalho, estando os homens brancos com todos os créditos. Além disso, é constantemente importunada pelo Stafford (engenheiro branco), por ele não se conformar em ter uma mulher Negra em um possível local destaque. É nesse sentido que Beauvoir (1970) concebe que quando uma ordem masculina não é acatada pela mulher, a mesma torna-se um alvo de assédio.

Por sua vez, Saffioti (1992) e Delphy (2015) afirmam que a exploração da mulher ocorre em diversos âmbitos, no trabalho, em casa e até mesmo em relações sexuais. A exploração é

concebida por meio de sujeitos estabelecidos como dominantes, tendo com o intuito de desapossar uma pessoa de seus modos de produção, ocorrendo de modo disfarçado os indícios violentos da dominação e fazendo com o que a pessoa dominada não perceba toda a situação (BOURDIEU, 1996, 1997; BAREMBLITT, 2002). Isso faz com que as ações de opressões do patriarcado sejam muitas vezes não indagadas e ocorram de maneira naturalizada (BOURDIEU, 2012).

Mediante a isso, pode-se elencar a violência simbólica no filme, que demonstra o tempo todo, as mulheres se subordinando aos homens de forma forçada ou não, sendo diminuídas constantemente por serem mulheres ou por serem Negras (BOURDIEU, 2012). Fica evidente a hegemonia do poder patriarcal e a divisão de gênero de modo hierarquizado (PORTELLA; RATTON, 2015; OPPEN, 2016), além das mulheres Negras não terem voz com os homens por serem mulheres, e também não terem voz com outras mulheres que são brancas, por serem negras. A partir disso, é importante ir ao encontro do feminismo Negro e do seu local de fala.

Percebe-se no filme a discriminação ocorrida até mesmo dentro da categoria mulher, quando Mitchell (a supervisora branca) relata não gostar de ir ao bloco no qual contemplava a sala das mulheres Negras e executavam as mesmas atividades dessas, sendo estas preparadas a serem computadores para a NASA, quando necessário. Com isso, Pimentel (2017) relata a existência de uma única mulher, rompendo com as limitações e identidade de cada sujeito. Em contrapartida, Bernadino e Silva (2017) esclarece a reprodução da mulher Negra que vem a ser diferente por um contexto histórico de escravidão e objetivação.

Uma cena que é muito importante para retratar a questão da mulher branca e mulher Negra, é quando Vaughan indaga Mitchell (supervisora branca) sobre as suas atividades de supervisora executadas para com as outras mulheres Negras, solicitando a resposta do pedido de mudança de cargo e salário. A resposta da Mitchell é que não seria possível, com o intuito de diminuí-la. Perante isso, fica evidente o receio e o desconforto da sociedade em ver uma mulher Negra em cargos superiores e de destaque (RIBEIRO, 2018).

Quanto à questão de a mulher Negra retratada no filme ter que sempre estar se confirmando diante de um homem ou mulher branca, Ribeiro (2017) ressalta que as mulheres brancas são vistas como a outra parte do homem branco. Com isso, define que a mulher Negra seja interpretada como a outra parte do oposto já definido pelo homem na sociedade, como se houvesse uma classificação de 3º grau parental. Isso se mostra de forma muito explícita no

filme, quando constantemente as três precisam se afirmar perante o outro, mostrando sua capacidade de realizar as tarefas que lhes foram direcionadas.

Em relação ao local de fala, pode-se observar no filme todas as vezes em que Johnson se direciona ao Chefe Superior (branco) Harrison, ela o faz reverenciando, atentando-se às palavras expressadas e pela forma a qual está sendo falada. Assim eram as atitudes de Vaughan e Jackson (as outras duas protagonistas) também perante outras pessoas da NASA, anulando muita das vezes a verdadeira subjetividade e essência das três mulheres Negras, que podiam ser notadas quando estavam em seu bairro, com seus amigos e família.

Ribeiro (2017) explica que essa visão das mulheres perante o homem baseia-se em uma anulação de si. Entretanto, faz-se necessário destacar o local de fala da mulher Negra perante a importância de compreender que se o filme não tivesse sido produzido, muitas pessoas não saberiam que mulheres Negras foram uma das principais responsáveis para o lançamento da cápsula ao espaço, sendo essas mulheres as cientistas pioneiras da NASA.

Ainda relacionada a algumas curiosidades que não foram bem expostas no filme, Johnson executou atividades no Comitê Consultivo Nacional de Aeronáutica (NACA), atualmente titulada como NASA, como "computador humano" entre os anos de 1953 e 1958, e ganhou reconhecimento ao fazer parte dos cálculos efetuados para o lançamento do primeiro americano, John Glenn, ao espaço Sideral. Em 1962, os computadores eletrônicos começam a ser utilizados na NASA, mas o astronauta só aceita ser lançado após a análise e confirmação da Johnson nos cálculos executados. Em relação a sua trajetória de reconhecimento como a primeira matemática, cientista e mulher Negra a lançar o primeiro americano no espaço, Johnson ganhou o nome da unidade em *Fairmont*, resultando em uma homenagem como a Unidade de Verificação e Validação Independente Katherine Johnson (DEMARTINI, 2017).

Outro marco visto como relevante na história foi a participação da matemática Johnson na elaboração do cálculo de destino do voo Apolo 11, em 1969; a realização de diversos artigos científicos e a premiação da medalha presidencial da liberdade pelo Presidente Barack Obama dos Estados Unidos, em 2015 (DEMARTINI, 2017). Em relação à execução de atividades de Dorothy Vaughan na NASA, a mesma fazia parte da *West Area Computers*, um grupo de mulheres Negras responsáveis em serem computadores humanos. Com o decorrer dos anos, o computador eletrônico teve espaço na NASA e com a preocupação de demissões, Vaughan fez com que as mulheres Negras do seu setor adequassem a

programação da nova tecnologia, tornando reconhecida e sendo a primeira supervisora mulher Negra da NASA (DEMARTINI, 2017).

E, por último, a terceira mulher Negra de papel fundamental também na NASA, a matemática Mary Jackson, que foi a primeira engenheira Negra a atuar na NASA, além de ser, como dito anteriormente, a primeira e única mulher Negra a estudar em uma faculdade de Engenharia de homens brancos. Jackson atuou na NASA na execução e teste do Túnel de Pressão Supersônico, capaz de explodir qualquer coisa em um vento de 60 mil cavalos (DEMARTINI, 2017).

Elencando ainda a noção que para dar alguma voz a essas mulheres Negras houve a necessidade de que o filme fosse dirigido por um homem branco. Isso faz reverberar uma reflexão que mesmo apesar do tempo e com as transformações ocorridas por meio de atos resistência de um povo que é marginalizado pela sociedade em geral, principalmente a patriarcal, ainda há, nos dias de hoje, a questão da mulher Negra precisar que outras pessoas fale por ela e mostre que ela também é capaz, de forma que evidencie o enfrentamento de que a sua cor ou seu gênero não as tornam inferiores.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme discutido anteriormente, compreende-se que para a mulher Negra ter as possibilidades que têm na atualidade, elas tiveram que desnaturalizar muitos conceitos cristalizados e instituídos, subvertendo pensamentos e suas ações. Dessa forma, entende-se como as instituições presentes constroem e estabelecem diversas normas sociais que influenciam demasiadamente nos comportamentos dos sujeitos, evidenciando como a instituição patriarcal se mostra de modo paradoxal aos homens e às mulheres.

Para transpor de forma mais explícita os antagonismos referentes à desigualdade, foi preciso fazer emergir o feminismo Negro e o local de fala da mulher Negra, para que assim se possa se adentrar nos enfrentamentos que tange as transformações de um contexto. Os movimentos de subverter os instituídos estabelecidos em uma determinada instituição, se dá a partir do momento em que se há uma noção em que a mulher Negra tem o contexto e necessidades diferentes da mulher branca, compreendendo-a ainda como inferior e não igual.

Diante disso, elenca-se a questão do local de fala, no qual apenas a mulher Negra pode falar como se sente e como é tratada, porém, a fala e a voz dessa não são ouvidas; sendo

ouvida apenas quando outras pessoas, um homem ou mulher branca, falam por elas. Evidenciando a exclusão ainda maior da mulher Negra referente a mulher branca, e demonstrando uma desigualdade que perpassa seu histórico social. Desse modo, conclui-se que mesmo que as três pioneiras da NASA tenham exercido um papel de suma importância e relevância, a história foi produzida por um homem branco, anulando mais uma vez a subjetividade da mulher Negra.

Outro ponto a ser observado diz respeito ao título dado no Brasil “Estrelas além do tempo”, não optando por deixar o título da tradução original *Figuras Escondidas*, que faz compreender e evidenciar uma noção de que a mulher Negra está além do que se é esperado, como se estivesse muito a frente com seu saber, sendo que na realidade essas mulheres Negras são constantemente silenciadas, ou simplesmente ignoradas no contexto social. Definir a ação da mulher Negra como algo surpreendente, se faz necessário analisar sobre o quão forte ainda é o preconceito de gênero e o racismo na sociedade.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BAREMBLITT, G. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática**, 5ed., Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2002.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BERNARDINO, J. L. A. ; SILVA, E. O. Representações da violência de Gênero e Raça no documentário *Doméstica*, de Gabriel Mascaro, 2012. In: In: STEVENS, C. et al. **Mulheres e Violências: interseccionalidades**. Brasília, DF: Technopolitik, 2017.

BIROLI, F.; MIGUEL, L.F. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina – PR, v. 20, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/241>> Acesso: 25 de abr. 2019.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papius, 1996.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Bertrand. 11 ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRUSCHINI, C.; PUPPIN, A.B. **Trabalho de mulheres executivas no brasil no final do século XX**. Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense – Rio de Janeiro –

2004. Trabalho de mulheres executivas... Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121, p. 105-138, jan./abr. 2004.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. Ed.1. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELPHY, C. O inimigo principal: a economia política do patriarcado. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.** n.17, pp.99-119, 2015. Disponível em: <<http://ref.scielo.org/bj37qt>>. Acesso: 23 de abr. 2019.

DEMARTINI, M. Conheça as cientistas negras por trás de “Estrelas Além do Tempo”. **Revista Exame**, mar. 2017. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/ciencia/conheca-as-cientistas-negras-por-tras-de-estrelas-alem-do-tempo/>>. Acesso em: 14 out. 2019.

ESTRELAS ALÉM DO TEMPO (Hidden Figures), Direção e roteiro: Theodore Melfi e Allison Schroeder. Produção Theodore Melfi. Intérpretes: Taraji P. Henson, Octavia Spencer, Janelle Monáe, Kevin Costner, Kirsten Dunst. Twentieth Century Fox.EUA, 2016. 1 DVD (127MIN), Color. Produzido por TwentiethCentury Fox.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FRIGOTTO, G. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. **Ideação**, 10(1), 41-62, 2008.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, I. S. Feminicídios: um longo debate. **Rev. Estud. Fem.** vol.26, n.2, 2018. Disponível em: <<http://ref.scielo.org/d24n5x>>. Acesso: 01 de mai. 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOURAU, R. **Análise institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro. Ed. UERJ, 1993.

_____. O instituinte contra o instituído. In: ALTOÉ, S. **René Lourau: Analista Institucional em Tempo Integral**. - São Paulo: HUCITEC, 2004a.

_____. O objeto e método da Análise Institucional In: ALTOÉ, S. **René Lourau: Analista Institucional em Tempo Integral**. - São Paulo: HUCITEC, 2004b.

MILLET, K. **Política Sexual**. Tradução: Alice Sampaio, Gisele da Conceição e Manuela Torres. Lisboa: Cadernos Dom Quixote, 1969.

OPPEN, F. O feminismo radical e o surgimento das teorias do patriarcado – Um ponto de vista Marxista. **Marxismo Vivo**, São Paulo, n.7, p.173-198, 2016. Disponível em: <<http://marxismovivo.org/wp-content/uploads/2019/01/Nueva-Epoca/POR/mv07neept/mv07neeptsd.pdf>>. Acesso: 05 de mai. 2019.

PIMENTEL, E. Prisões femininas: por uma perspectiva feminista e Interseccional. In: STEVENS, C. et al. **Mulheres e Violências: interseccionalidades**. Brasília, DF: Technopolitik, 2017.

PORTELLA, A.P.; RATTON, J.L. A teoria social feminista e os homicídios: o desafio de pensar a violência letal contra as mulheres. **Revista contemporânea**, v. 5, n. 1, p. 93-118; Jan.–Jun. 2015. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/298>>. Acesso: 20 de abr. 2019.

RIBEIRO, D. **Feminismo Negro Para Um Novo Marco Civilizatório**. SUR 24 – Revista Internacional de Direitos Humanos, 2016.

_____. **O que é: lugar de fala?**/ Djamila Ribeiro. Belo Horizonte(MG): Letramento: 112 páginas, Justificando, 2017.

_____. **Quem tem medo do feminismo negro?**.ed. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RODRIGUES, H. B. C; SOUZA, V.L.B. A análise institucional e a profissionalização do psicólogo. In: SAIDON, O.; KAMKHAGI, V. R. **A Análise Institucional no Brasil**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991. pp. 27-45.

SAFFIOTI, H. I. B. Rearticulando Gênero e Classe. In: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. **Uma Questão de Gênero**, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fund. Carlos Chagas, pp. 183 -215, 1992.

_____. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOIHET, R. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, M. D. **História das mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, p. 362-400, 2000.

STEVENS, C. **Mulheres e Violências: interseccionalidades**. Brasília, DF: Technopolitik, 2017.

TIBURI, M. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Rosa do Tempos, 2018.